

ARTETERAPIA NO CAPS II AD: OBSERVAÇÃO E INTERVENÇÃO COM GRUPO TERAPÊUTICO

Debora da Silva Novaes – Uneduvale – debora.novaes@ead.eduvaleavare.com.br

André Luis da Silva – Uneduvale – andre.luis@ead.eduvaleavare.com.br

Marília Alves dos Santos – Uneduvale – marilia.santos@ead.eduvaleavare.com.br

ÁREA: Ciências Humanas.

RESUMO

O trabalho em questão apresenta as vivências dos Estágios de Núcleo Comum III e IV, componentes curriculares do curso de Psicologia em uma Instituição de Ensino Superior privada, desenvolvidas por uma dupla de estagiários. Os estágios foram realizados em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS II AD) de uma cidade do interior do estado de São Paulo, tendo duração de fevereiro à novembro de 2024. No primeiro semestre teve-se a observação participante e no segundo a aplicação de 10 ações interventivas. Com base nos dados e demandas levantadas previamente, foram utilizados elementos artísticos para ampliar a expressão das particularidades de cada integrante do grupo terapêutico, mais o acompanhamento das atividades de rotina da unidade. Os resultados estiveram alinhados aos objetivos traçados em cada intervenção. O grupo terapêutico, sendo composto de 15 à 20 integrantes regulares, majoritariamente possuíam alguma necessidade de suporte, seja na mobilidade ou na comunicação, todavia, percebeu-se que houve uma aceitação das dinâmicas e maior interação entre os pares, que sugeriram permanência e investimento em projetos similares, trazendo cores e vidas as paredes brancas da instituição de saúde. Portanto, pontua-se que o uso da arte enquanto instrumento terapêutico pode trazer benefícios não somente no campo emocional, mas também social, seja através da valorização das singularidades ou do potencial criativo.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio; Psicologia; CAPS; Arteterapia; Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A graduação em Psicologia possui como centralidade o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal de seus estudantes-estagiários. A inserção desses nas instituições receptoras de estágio possibilita o contato direto com o seu objeto de estudo, tendo que seguir as regras do local escolhido, ao mesmo tempo em que observar como a dinâmica dessas normativas são recebidas pelos os usuários do serviço, realizando uma análise crítica. O estudante-estagiário não pode manter-se em passividade diante dos conteúdos e situações

com que entra em contato no campo. Logo, é indispensável a constituição de espaços formativos e reflexivos a esse futuro profissional (Cariaga; Silva, 2016).

O campo em que o estágio aqui relatado foi desenvolvido foi o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS II AD) de uma cidade do interior paulista. Segundo Silva (2023), o CAPS tem por objetivo atender pessoas em sofrimento psíquico, evitando internações e favorecendo a inclusão social. A partir de uma visão integrativa e humanizada de cuidado, pode-se realizar uma prática de saúde holística e contextualizada, em que o sujeito possa ser percebido e atendido considerando sua subjetividade. Destaca-se que falas como “fugiu do CAPS”, recentemente viralizada como “meme” na internet, estereotipa e marginaliza esse serviço de saúde e os assistidos por ele, como mais, propõem que saúde mental é uma piada, fragilizando anos de luta antimanicomial.

Os usuários do CAPS são vulnerabilizados em diversas camadas. Sivinski e Schenkel (2018) falam sobre a sensação de abandono e exclusão quando um usuário recebe alta do serviço e é encaminhado para a rede básica de atendimento, pois o indivíduo já não consegue se situar fora daquele espaço. Embora as legislações descrevam uma rede integrada, o que vemos é a fragmentação dos serviços de saúde em que cada setor se limita aos seus usuários e, quando necessário, ocorre o direcionamento de um para outro ou uma ação conjunta.

Nessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo apresentar a experiência de colaboração e desenvolvimento de habilidades profissionais através da prática de estágio em Psicologia no CAPS II AD mediadas por expressões artísticas. Enfatizando a importância do trabalho realizado por todos os profissionais da unidade, envolvendo os atendimentos, acolhimentos dos usuários e encaminhamentos e a formação do grupo terapêutico.

MATERIAL E MÉTODOS

O primeiro período do estágio no CAPS II AD aqui relatado foi realizado de fevereiro a maio de 2024 e teve como princípio a observação das atividades da unidade e a identificação de demandas. O segundo momento, realizado de setembro a novembro de 2024, esteve voltado à intervenção com a arteterapia. Foram realizados 10 encontros interventivos no segundo semestre do último ano com duração de 3 horas cada, conforme detalhado a seguir.

Tabela 1. Atividades artísticas e terapêuticas realizadas no estágio.

Atividade desenvolvida	Recursos necessários
Desenho e pintura em folhas sulfites com os olhos fechados.	Óculos escuros, papel e lápis de cor.
Pintura e customização de máscaras.	Máscaras e canetas coloridas.
Desenho da árvore da vida.	Papel e lápis de cor.
Autorretrato.	Tinta guache, pincel, lápis de cor.
Oficina de música.	Caixa de som e notebook.
Jogo de bingo.	Jogo de bingo disponibilizado pela instituição.
Oficina de origami.	Papeis para origami.
Grupo de mulheres e homens (separadamente), com bate-papo sobre sexualidade, vulnerabilidade e relações afetivas.	(Sem materiais específicos)
Entrevista com os usuários e roda de conversa.	(Sem materiais específicos).
Construção de história coletiva, declamação de poemas e roda de conversa.	(Sem materiais específicos).

Fonte: Elaborado pelos autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com os dias de práticas e observações, foi possível notar que alguns dos integrantes do grupo tinham mais dificuldade motora, de organização das ideias e de expressão pessoal. Enquanto alguns eram mais interativos e espontâneos, outros eram mais retraídos, mas todos participavam cada um a seu modo. Na primeira intervenção, alguns usuários tiveram dificuldade para desenhar com os olhos vendados. O receio em errar ou não ficar “esteticamente bonito” o seu desenho mostrava que eles esperavam uma avaliação. Seguindo a perspectiva de que a definição do desenho é construída socialmente, entendemos que é a partir das relações sociais e das vivências do indivíduo que estão disponíveis os signos que cada um irá se apropriar para estabelecer a comunicação com o outro (Lima; Camargo, 2021).

Desenhar é a arte de permitir-se a verdadeira expressão do eu, em que a expressão artística ultrapassa a necessidade de comunicação verbal. Ferreira e Garcia (2019) explicam que a “natureza imediata do desenho, espelhada neste exemplo, é mais uma vez prova da importância que tem para este tipo de contexto por estar ligada a uma expressão extremamente humana” (p. 36). Logo, as linhas, os traços e as cores transmitem as palavras, e a linguagem criativa possibilita sair do controle do filtro social, superar o mero modo de fazer em direção ao modo de ser.

Na segunda intervenção, Philippini (2018) aborda o uso das máscaras em processos terapêuticos como elementos simbólicos. Durante a pintura os participantes traziam referências de personagens de filmes, sobretudo. Alguns quiseram levar as obras para casa para mostrar aos familiares, as demais ficaram expostas na unidade. A terceira intervenção foi a pintura da árvore da vida, em que cada usuário agregou elementos que remeteram as suas histórias de vida e de seus entes querido. Por exemplo, pode-se citar o desenho de chupetas que representavam os netos de uma usuária. Assim, foi proporcionado o ato de uma construção artística sobre as ramificações das vivências de cada participante, contando a sua vida, suas experiências e registrando sua digital em cores e palavras visíveis e ocultas (como “amor”, “paz” e “respeito”).

Na quarta intervenção resgatou-se alguns elementos apresentados na primeira dinâmica, com representações de casas, árvores e o sol. Um usuário que sempre desenhava caminhos se dedicou ao máximo na tarefa, pedindo borracha para apagar quaisquer traços que a ele não estavam certos, até o ponto de apagar tudo e recomeçar. Nessa perspectiva, tem-se que “o ato de executar uma produção parece aliviar a sobrecarga psíquica, como se a necessidade de materializar imagetivamente o drama afetivo nos levasse naturalmente à simbolização” (Pompeu; *et al.*, 2021, p. 79).

A oficina de música foi a quinta intervenção, tendo sido o momento de maior interação do estágio, pois houve uma movimentação em todo o centro de saúde. Fonseca, Barletta e Delabrida (2012) falam do uso da música como expressividade corporal e formador do eu. Todos os presentes do grupo dançaram, uns se levantaram e pegaram um parceiro para lhe acompanhar no ritmo da música, uns se limitavam com o balançar dos pés e mãos, outros cantavam e até mesmo choravam emocionados com a letra. De forma espontânea apresentaram também seus gostos musicais e conseguiram se aproximar ainda mais. A sexta atividade, o bingo, mesmo sendo uma prática já frequente nos encontros do grupo, ainda teve muito impacto devido às premiações, havendo uma certa competitividade. Segundo Pacheco e Garcez (2012), o jogo também age como agente regulador de emoções, favorece o autocontrole, a autoconfiança e acaba influenciando na vida cotidiana do sujeito.

Na sétima intervenção, a oficina de origami, mesmo com poucos integrantes do grupo foi possível realizar a dinâmica. A exposição dos tsurus elaborados em formato de cortina atraiu outras pessoas que não estavam presentes na data de realização. Durante o processo os usuários estavam concentrados aos comandos da professora, inicialmente estavam

receosos sobre o resultado final, mas ficaram satisfeitos com o que produziram. Alguns deles frequentam o grupo e não conseguem realizar atividades básicas do seu dia a dia, sendo necessário sempre o suporte de outra pessoa, e nessa atividade eles perceberam que são capazes de realizar tarefas que requerem atenção, coordenação motora e paciência. Determinado *et al* (2020) pontua o origami como prática benéfica à saúde mental, como uma boa ferramenta terapêutica.

Na roda de discussão e reflexão sobre as relações afetivas foi possível construir um espaço de escuta e acolhimento, o que posteriormente foi pontuado pelos usuários que sentem falta. Cada um falou abertamente sobre as suas vivências e relações sociais e isso foi possível através do vínculo estabelecido durante o período de estágio. Alguns dos resultados dessa ação foram percebidos na nona intervenção, com as sugestões que eles trouxeram para serem implementadas na unidade. Algumas estavam ligadas às atividades desenvolvidas, como a roda de conversa, oficina de música e a participação no grupo.

A última intervenção, a oficina de poemas e histórias, foi uma sugestão também dos usuários na prática de leitura nos encontros. Realizou-se a construção de um texto com palavras importantes para cada e o que ela significava, assim formando-se um poema coletivo. Menegazzo (1995) cita que “tampouco o grupo humano está formado por unidades individuais; é o conjunto e a integração de cada um dos vínculos estabelecidos que palpitam dentro do mesmo grupo” (p. 21).

Pontua-se que todas as propostas e sugestões que foram levadas à equipe do CAPS estão sendo analisadas para a implementação, como a volta da oficina de música e leitura. Ademais, as pessoas que foram convidadas para realizar algumas intervenções ficaram inclinadas a continuar com projetos na unidade.

Em fechamento ao exposto, destaca-se essa fala de um dos usuários do CAPS II AD e participante do grupo terapêutico acompanhado pelos estagiários: “Se o meu lugar não é mais aqui, onde é?”. Deixa-se esse questionamento às pessoas que ainda têm no imaginário que esse serviço de saúde é para os “loucos”, ainda ligado a uma visão patologizante, institucionalizante e higienista. Kantorski *et al* (2010) sintetiza o ponto: o CAPS é um aparato de promoção de saúde mental e fomento para a luta antimanicomial.

CONCLUSÃO

A experiência dos Estágios de Núcleo Comum III e IV no CAPS II AD possibilitou uma maior compreensão sobre o funcionamento da instituição, suas funções e limitações dentro da rede de saúde e a atuação do psicólogo nesse espaço. Destaca-se o contato com os usuários do serviço, ao quais em vulnerabilidade encontram no grupo terapêutico uma rede de apoio e acolhimento, por vezes esperando a oportunidade de falar e ser ouvido. Levar a arte aos encontros promoveu não somente interação grupal, mas sobretudo reflexões sobre si e sua história de vida, constituindo então a abertura de um local de lazer, mas também fortalecedor da autonomia desses indivíduos. Nossos mais sinceros agradecimentos, elogios e votos de sucesso à toda equipe e usuários do CAPS II AD.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARIAGA, M. H.; SILVA, M. J. A. Caminhos da formação: os desafios da supervisão de estágio no curso de Serviço Social de Miracema do Tocantins. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 125, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/69Fn9zgrPSqCJPGhmQ9HVK/#>. Acesso em: 23 de março de 2025.

DETERMINADO, G. L. A. L. *et al.* Arte e origami a favor da saúde mental. **Revista Científica UniFagoc – Multidisciplinar**, v. 5 n. 2, 2020. Disponível em: <https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/multidisciplinar/article/view/644>. Acesso em: 21 de novembro de 2024.

FERREIRA, J. M. D. O.; GARCIA, S. O desenho em contexto de arte-terapia para pessoas com doença mental. **Universidade de Lisboa**, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/40741>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

FONSECA, A.; BARLETTA, J.; DELABRIDA, Z. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 153-167, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n3/v14n3a13.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2025.

KANTORSKI, L. P.; *et al.* Avaliando a política de saúde mental num CAPS: a trajetória no movimento antimanicomial. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 242-263, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/9031>. Acesso em: 29 de agosto de 2025.

LIMA, A. P. C. T.; CAMARGO, E. A. A. A criança fala: o desenho como fonte de escuta e produção artística sobre as brincadeiras preferidas no cotidiano da educação infantil. **Olhar de Professor**, v. 24, p. 1-22, 2021. Disponível em:



CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EDUVALE

ISSN 26755734

20 a 24 de outubro de 2025 – Avaré/SP

<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17637>. Acesso em: 20 de novembro de 2025.

MENEGAZZO, C. M. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo: Ágora, 1995.

SILVA, J. O trabalho do psicólogo no CAPS frente à demanda por psicoterapia. **Revista de Saúde Pública de Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, v. 5, n. 1, p. 45–57, 2023.

Disponível em: <https://revista.saude.ms.gov.br/index.php/rspms/article/view/217> Acesso em: 15 de setembro de 2024.

SIVINSKI, T. C.; SCHENKEL, J. M. Pesquisa-intervenção em saúde mental: balançando as redes da saúde. **Revista Polis e Psique**, v. 8, n. 1, p. 52-71, 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.22456/2238-152X.80417>. Acesso em: 21 de setembro de 2024.

PACHECO, P. F.; GARCEZ, E. S. M. O Jogo e o Brincar: Uma Ação Estratégica na Promoção de Saúde Mental. **Revista de Saúde Pública**, Florianópolis, v. 5, n. 1, 2012.

Disponível em: <https://revista.saude.sc.gov.br/index.php/files/article/download/46/48/168>.

Acesso em: 18 de maio de 2025.

PHILIPPINI, A. **Imaginário em Arteterapia: a vez e a voz dos personagens**. Rio de Janeiro, WAK Editora, 2018.

POMPEU, A. M. G. G.; SANDERS, L. L. O.; PAULA, F. S.; BARBOSA, M. E.; BARBOSA, M. S.; PEDROSA, V. M. B.; VIEIRA, F. R. R. Escola Arte Livre: ensino de arte para promoção de saúde mental de pacientes e estudantes. **Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**, v. 1, n. 1, 73-83, 2021. Disponível em:

<https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/revista-praticas-interativas/article/view/1209>. Acesso em: 18 de maio de 2025.